

Agenda Cultural

Redação

CLARH II Congresso Latino-Americano de Recursos Humanos

Londrina/PR 29/09/2012 (Sábado)

Palestrantes confirmados:

Costacurta Junqueira Lairton Correa Helvia Barcelos André Franco

CEO do Instituto MVC Gerente de Gestão do Efetivo no RH da Petrobras Consultora Sênior da Betania Tanure Assessorias Diretor de Recursos Humanos da Monsanto

Associados da ABTD/PR: 2 cortesias
Empresas não associadas: R\$ 100,00

Grupos acima de 10 pessoas = R\$ 50,00
Inscrições para estudantes e docentes = R\$ 70,00

Inscrições individuais pelo site www.abtdpr.com.br/clarh

Inscrições de grupos através do email atendimento@abtdpr.com.br ou ligar para (43) 3037-0498 / (43) 3037-2632 / (43) 3341-0310

Promoção e realização

V CIPSI
CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA
XIII SEMANA DE PSICOLOGIA DA UEM
VI Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM

Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?

8 a 11 de agosto de 2012
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Paraná, Brasil

Informações: Fone: (44) 3011-4201
www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012
cipsi@uem.br

Inscrições de trabalhos até 15/6/2012

Realização: UEM, DPI, PPI, Unicentro, UFPR, UEL

Apoio: Unicentro, UFPR, UEL

Curso de Observação da Relação Mãe-Bebê-Família

Coordenadoras:

Beatriz Miriam Moeller Picolli

Soledad Cristina de Almeida Garcia Ferdinandi

Estrutura do Curso:

Seminários teóricos (2hs) - 17:00 as 19:00hs

Supervisão da prática (3hs) - 13:30 as 16:30hs

Prática-observação da dupla mãe-bebê (1h semanal)

Público Alvo: Psicólogos, Médicos, Pedagogos.

Datas:

(primeira sexta-feira do mês, com possíveis alterações de datas próximas a feriados)

DATAS 2012:	Datas 2013	Datas 2014
03/agosto	01/fevereiro	07/fevereiro
14/setembro	01/março	07/março
05/outubro	05/abril	04/abril
09/novembro	03/maio	02/maio
07/dezembro	07/junho	06/junho
	05/julho	
	02/agosto	
	06/setembro	
	04/outubro	
	01/novembro	
	06/dezembro	

Custo: R\$ 350,00

(com valores a serem reajustados no segundo ano de curso)

Inscrições e local do curso:

Consultório de:

Soledad C. A. G. Ferdinandi

Av. JK. 1237 - Fone: (44) 3223-2079

e-mail: soledadcristina@uol.com.br

VAGAS LIMITADAS

jornalpsicologiaemfoco.blogspot.com



Jornal Psicologia em Foco

ISSN 2178-9096

Maringá - Julho/Agosto de 2012 - Ano III - Número 10 - jornalpsicologiaemfoco.blogspot.com

Os desafios da abordagem clínica dos estados-limites por Rogério Thaddeu p. 03.



O psiquiatra Cleto Rocha Pombo Filho fala sobre pacientes que se escondem do contato com o terapeuta e de sua própria realidade psíquica p. 04.



A estranheza e o fascínio causado pelos zumbis por Daniel Ribeiro Branco p. 05.

A difícil tarefa de tornar-se mulher por Rosângela M. Martins p. 06.

A psicoterapia com crianças hoje por Nayara C. Milharesi p. 08.



Social: JPF esteve presente na aula inaugural da EPPM p.11

Agenda cultural traz os eventos e cursos em destaque: CIPSI, CLARH, Oficina do saber e mais. p.12.

Oficina do Saber

Dica de Leitura e Filme: (Precisamos falar sobre Kevin e Estamira) p. 10.

A **melhor** Instituição de Ensino Superior privada do **Paraná**
Graduação | Pós-Graduação | Mestrado | Educação a Distância
44 3027.6360 Maringá-PR www.cesumar.br





Jornal
Psicologia em Foco

EXPEDIENTE

COORDENADOR DO PROJETO:
Vinícius Romagnolli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EQUIPE: Amanda Tupiná; Camila Cortellete; Cintia Ciceri; Eduardo Chieritto; Fernanda Ferdinandi; Germano Brittes; Giovanna Bertoni; José Gilabert; Livia Ruiz; Marcella Bellini; Mayara Coutinho; Paulo Henrique Rigon; Patrícia Martins; Raquel Abeche; Renata Boff; Rafaela Bertipalha; Roseane Pracz.

CONSELHO EDITORIAL: Diogo A. Valim; Marcelo M. Khoury; Roberto Martins Prado, Vinícius Romagnolli R. Gomes.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Luiza Calegari

IMPRESSÃO: Gráfica Visão

ARTE: Paulo Henrique Rigon

CONSULTOR: Oliver Cury

TIRAGEM: 2000 exemplares
CONTATO

Quer publicar seu artigo com a possibilidade de ampliação de seu currículo, e/ou realizar a divulgação de sua clinica, empresa ou evento?Entre em contato conosco!

jornalpsicologiaemfoco@hotmail.com
Contato: 44 9985-9839 Vinicius Romagnolli

O que vem de novo?

Vinícius Romagnolli R. Gomes (CRP 08/16521) - COORDENADOR DO PROJETO

Caro leitor, você já parou para se perguntar quantos de seus sonhos e ideias nascem e morrem todos os dias?

Em seu artigo “É fácil desistir de nossos sonhos”, Contardo Calligaris aponta para o fato de que todos nós, em média, dedicamos mais energia à tentativa de silenciar nossos sonhos do que à tentativa de realizá-los.

Creio que isto ocorre em parte pela dificuldade que temos em lidar com a incerteza e o desconhecido, afinal, sonhar em atingir um objetivo ou realizar um projeto é um “ato de fé”, pois na maioria das vezes não sabemos ao certo onde vamos chegar. Mesmo diante de tais incertezas quando o projeto Psicologia em Foco surgiu, algo

nos impulsionou a seguir em frente, a continuar fazendo.

O Jornal Psicologia em Foco começou como uma simples ideia, sem um formato previamente definido, uma estratégia ou um planejamento, no entanto, o projeto cresceu, ganhou corpo e se desenvolveu, dobrou sua tiragem, passando de um projeto de extensão restrito aos alunos do Cesumar a um projeto que atinge alunos da UEM, Uningá e Unifamma, bem como profissionais da área psi. Tudo isso certamente não depende apenas da “fé” que colocamos em nossa ideia, mas sobretudo de dedicação, trabalho e o apoio que temos recebido de parceiros e vocês, leitores.

Se o sonho do Jornal que tivemos em 2010 chega hoje a seus dois anos, devemos

agradecer a todos que fizeram e fazem parte dessa História, uma vez que precisamos de parceiros que gostem de nossos sonhos para que eles continuem vivos; como bem disse Raul Seixas “Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”.

Nessa edição especial, o Jornal estreia sua nova cara, visando ser mais dinâmico e interativo, no entanto, sem perder a sua proposta de veicular informações e sobretudo transmitir conhecimento, práticas e saberes.

Que venham os próximos anos e os novos desafios!

Uma ótima leitura.

De onde viemos

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO

O Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178–9096) surgiu no ano de 2010, idealizado pelos então acadêmicos do 5ºano de Psicologia do Cesumar; Vinícius Romagnolli R. Gomes, Diogo A. Valim e Roberto M. Prado. O projeto tem como proposta viabilizar um espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para

promoção e divulgação dos importantes acontecimentos e eventos relacionados à Psicologia, tais como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros.

O Jornal se sustenta com o apoio dos colaboradores e patrocinadores: sua distribuição é totalmente gratuita, alcançando o público acadêmico de diversas instituições de ensino, cursos de pós-graduação

e profissionais da área. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma tiragem de 1 0 0 0 exemplares e periodicidade trimestral. Além do material impresso, o conteúdo do Jornal tem uma versão eletrônica em *newsletter*, podendo ser recebido por e-mail. O *blog* *Jornal Psicologia em Foco* publica artigos referentes às edições anteriores do Jornal.

Psicologia Em Debate

A CLÍNICA DOS LIMITES

Rogério Thaddeu*

A fragilidade das fronteiras que demarcam o psiquismo tem merecido a atenção de alguns psicanalistas nos últimos anos, sobretudo diante dos desafios colocados à clínica na contemporaneidade, exigindo uma clínica que, no mínimo, repense os alcances e limites de sua prática. Conforme ressalta CHAGNON (2009) A noção de "estado-limite" ou, ainda, de caso-limite (tradução de transtorno borderline) revela, assim, inúmeras preocupações dos psicanalistas. Estes descobriram que pacientes considerados como neuróticos desenvolveram, no percurso da terapia psicanalítica, modos de funcionamento psicótico, regressivos e temporários ou mais duradouros. Partindo desta observação, surgiu a preocupação em resgatar esses pacientes e em encontrar recursos técnicos para tornar o trabalho psicanalítico possível. Houve o surgimento de uma eflorescência de trabalhos, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, tanto na Europa como na América do Norte, a tal ponto que podemos considerar, hoje, os estados-limite como um novo paradigma: eles são, para a psicanálise atual, aquilo que a histeria era outrora.

Este artigo visa apresentar a temática dos limites a partir de algumas literaturas francesas, com o objetivo de repensar a clínica psicanalítica na atualidade. Para tanto, nos apoiaremos no percurso desenvolvido tanto em nossa prática clínica como psicoterapeuta quanto no contexto da saúde mental pública, já há algum tempo, sobretudo diante de pacientes que consideramos “graves”, que, no nosso entender, não “respondem” à técnica psicanalítica convencional, exigindo um trabalho árduo e uma análise contínua sobre a t r a n s f e r ê n c i a e contratransferência. Neste artigo, optamos pela terminologia “estados-limite”, que corresponde mais à perspectiva de André Green, um dos expoentes da psicanálise internacional, bem como alguns autores brasileiros que se dedicam à esta temática, como Marta Rezende Cardoso e Luiz Cláudio Figueiredo.

Dr. Cleto Rocha Pombo F^º
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Independência, 258
Centro Médico R. Suzuki
Sala 05 - Térreo

44 **3225-4965**

Maringá - PR - 87015-020

Especialista em Psicoterapia USP-SP

consideráveis nas relações interpessoais, parecem transitar em diferentes momentos para uma determinada estrutura psíquica, não se fixando a nenhum “lugar”, ou seja, não se situam na neurose, na psicose e na perversão, embora possam manifestar um modo de funcionamento psíquico que se confunde com determinada estrutura.

Se fizermos uma analogia com os países ou estados de fronteira, é fácil perceber o quanto pode haver riscos, uma vez que na fronteira, embora os limites pareçam estar demarcados, a violência, os excessos parecem coexistir com maior visibilidade. Para aqueles que vivem na fronteira, há sempre o risco de se misturar com um estado ou outro, com um país ou outro, ofuscando, assim, a própria identidade. É curioso notar que os pacientes considerados mais graves, possuem “falhas” na capacidade para simbolizar, na capacidade para diferenciar o Eu do outro. À primeira vista, dependendo do percurso terapêutico ou de um momento particular de sua vida, o paciente “límitrofe”, pode se assemelhar muito a um psicótico ou à um perverso, mobilizando g r a n d e m e n t e à contratransferência do analista ou do terapeuta. É importante ressaltar que a própria conceituação do que seja um paciente considerado “grave, difícil” encontra-se profundamente implicada na relação terapêutica, não

ocorrendo unicamente nos pacientes “límitrofes”.

O tema dos casos ou “estados-limite” tem ocupado um lugar de destaque nos d e b a t e s na contemporaneidade, como ressalta Cardoso (2004), sobretudo no sentido de poder pensar o estatuto das “novas” psicopatologias, bem como, pensar a especificidade do trabalho clínico nos casos onde há certa evidência daquilo que estaria além do representável, trabalhar com questões que parecem imprimir uma violência radical, situada fora dos limites de um traumático constitutivo.

Cabe ressaltar que há uma diversidade de modelos e concepções teóricas na abordagem dos estados-limite, que podem ser ordenadas em torno de três eixos: problemática dos limites, problemática da perda do objeto e a problemática edipiana e masoquista conforme apontado por Brusset apud Chagnon (2009).

E apresentar aqui a primeira problemática dos limites. Nesta problemática, percebe-se a fragilidade ou ainda a fluidez dos limites entre o mundo interno e o mundo externo, fragilidade esta que é fonte de desorganização ou desmoronamento, tornando necessária a implementação de mecanismos de defesa, para, assim, fazer algumas trocas entre o interior e o exterior, o sujeito e o objeto.

(Cont.)

Panificadora Estrela
confeitariaestrela@hotmail.com

PIÃES **SALGADOS** **BOLOS**

FONE: 3026-1102
Av. Gastão Vidigal, 1102 - Maringá - Pr

NECPAR
Núcleo de Educação Continuada do Paraná

Francielle Sabatine
Psicóloga
CRP 08/15321

Cel. 44 8827-7642
frann_psico@hotmail.com

• Crianças
• Adolescentes
• Adultos

A configuração desse transtorno dos limites se refere ao que Brusset (1999) denomina de patologia da interioridade e um funcionamento psíquico exteriorizado. Com base neste autor, podemos perceber o quanto os sintomas relacionados ao vazio interno crônico, à falta de interioridade e de investimento da atividade psíquica própria explicariam a grande dificuldade destes pacientes em “entrar em contato consigo mesmos”, a dependência do objeto e o desejo de viver a vida do outro.

Os estados-limite mobilizam uma clínica que repense suas possibilidades, bem como seus limites teóricos e técnicos a todo o momento, constituindo-se em um grande aprendizado àqueles que se aventuram por terrenos desconhecidos. Trabalhar na fronteira implica em riscos e uma grande oportunidade para conhecer outras “línguas”, bem como um intercâmbio rico, caso nossa contratransferência funcione mais no sentido de contribuir para o tratamento e não atrapalhar demasiadamente. * Rogério Thaddeu é psicólogo (CRP 08/07651), especialista em saúde mental e mestrande em psicologia pela UEM. Professor do Depto. de Psicologia da Fafijan. Professor de psicanálise e psicopatologia do Instituto Rhema de Pós-graduação. Autor de *No limite das emoções: uma análise sobre as psicopatologias na atualidade*.

www.rogeriothaddeu.webnode.com.br

rogeriothaddeu@hotmail.com

Para saber mais:

CARDOSO, Marta Rezende Cardoso (Org) *Limites*. São Paulo: Escuta, 2004
CHAGNOM, J.Y. *Os estados-limite nos trabalhos psicanalíticos*

franceses. São Paulo: Revista Psicologia USP. Vol 2 no 2 Abril/Junho, 2009.
THADDEU, R. *No limite das emoções: uma análise sobre as psicopatologias na atualidade*. Londrina: Amplexo, 2010.



REFÚGIOS PSÍQUICOS: PACIENTES QUE SE ESCONDEM DO TERAPEUTA

Cleto Rocha Pombo Filho*

Esse artigo é sobre a situação que se deparam os psicoterapeutas frente a pacientes que não modulam seus afetos. O “paciente silencioso”, que se esconde psiquicamente tanto do contato com o terapeuta quanto da sua própria realidade psíquica.

Com os eventos angustiantes da vida, as pessoas no geral, reagem emocionalmente com tristeza, desânimo, ansiedade, medo, irritabilidade, etc. Mas, nos casos desses pacientes que são dominados por um “Refúgio Psíquico”, a situação é bem diferente. Quando eles são submetidos às frustrações, ao invés de expressarem as emoções como as acima citadas, eles se retraem para seu próprio mundo, o que na terapia resulta em longos silêncios nas sessões. Não expressam emoção alguma. Nem as positivas, como alegria e empolgação, não aparecem no seu repertório. São distantes afetivamente. Na verdade, eles não reagem a quase nada do ambiente externo. São capazes

de ter bom desempenho em atividades intelectuais e profissionais, mas, emocionalmente, carecem de existência.

Essa é uma maneira que sua mente encontrou para se defender da dor psíquica, que surge do contato com o terapeuta e com a realidade externa. O objetivo desse refúgio é o alívio frente à ansiedade inerente à vida. Porém, esse alívio se dá à custa de retraimento, isolamento e estagnação do mundo mental. A terapia fica monótona, como se, nas sessões, não houvesse experiências emocionais.

“Refúgios Psíquicos” foi como denominou o Pós-Kleiniano John Steiner (1993) para essas organizações patológicas defensivas. Em resumo são duas maneiras de essas organizações defensivas agirem:

A primeira: o modo de fugir da realidade tem uma direção definida. O paciente nessa situação retrai-se para dentro de si mesmo. A pessoa fica desligada do contato com o terapeuta e com o mundo externo. Como uma “cápsula” autista, sua mente se ejeta da realidade, e seu corpo anda no “automático”. Na vida, ela é apática, como um morto –vivo. Um zombie.

As sessões são marcadas por longos silêncios, caso o terapeuta não estimule o paciente a falar. Podem surgir fortes sentimentos contratransferenciais negativos, pois pacientes não reagem à presença do terapeuta, muito menos às suas interpretações, por mais corretas que sejam. O analista corre o risco de ficar desvitalizado pelo paciente, e, em consequência de uma identificação projetiva maíca e exitosa, o analista ficar sonolento nas sessões. Aqui, a terapia pode se estagnar. As angústias que o paciente não consegue sentir

parecem ser experimentadas, de algum modo, pelo terapeuta na sessão.

A segunda maneira é um refúgio para fora de si mesmo. Nessa maneira de funcionar, a pessoa projeta uma parte do self em alguma atividade que faz, geralmente de forma compulsiva. E, assim como no primeiro exemplo, o paciente se torna um deserto afetivo. A pessoa pode se refugiar no trabalho, estudos, na internet, jogos ou em qualquer outra atividade. Essas trazem prejuízo nos relacionamentos interpessoais reais. Toda a personalidade da pessoa fica escondida ali, dentro dessa atividade. O verdadeiro self do paciente não aparece para se relacionar com o terapeuta, que se sente sozinho na sala. Ou seja, o verdadeiro self não faz terapia.

Tecnicamente, os refúgios psíquicos são de difícil manejo, pois a técnica clássica de interpretações não produz muito efeito e pode até atrapalhar. O uso de interpretações, por gerar ansiedade, pode afugentar o paciente que tenta estabelecer contato com o terapeuta, e fazê-lo submergir novamente para dentro do seu refúgio e se retrair ainda mais.

Nas palavras de John Steiner: “Eles se retraem por detrás de um poderoso sistema de defesas, que funciona como uma armadura protetora ou esconderijo, e algumas vezes, é possível observar como eles emergem com grande cautela, feito um caramujo saindo da concha, retraindo-se novamente caso o contato provoque sofrimento ou ansiedade”.

Nesses casos, estamos diante de pacientes pré-edípicos e regredidos.

(Cont.)

O analista deve usar mais o *holding* do que as interpretações convencionais. Fazendo *holding* feito um pássaro que, ao chocar seu ovo, apenas protege e aquece o ninho, deixando a maturação acontecer naturalmente.

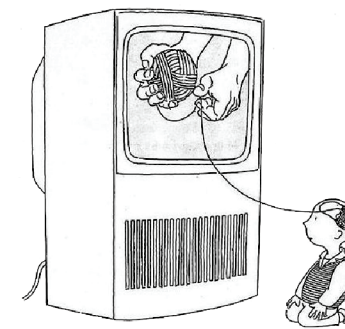
Quanto mais o analista puder suportar o desconhecido do paciente e se livrar do desejo de cura do mesmo, mais poderá tolerar os momentos em que o paciente está fora do contato. Simplesmente estando ali com ele, sem angústia por ele não falar. O silêncio pode ser uma maneira de ele buscar intimidade com o terapeuta, sem fazer barulho, para que as forças de defesa não ajam. Essa atitude de total aceitação do que o paciente tem a oferecer faz da sessão “um ambiente facilitador” para o nascimento dessas emoções refugiadas. Quanto menos intrusivo for o terapeuta, maiores serão as chances de os pacientes emergirem do refúgio e se desenvolverem. E, gradualmente, diminuirão sua tendência a se retrair.

* Cleto Rocha Pombo Filho é médico psiquiatra e especialista em psicoterapia psicanalítica (USP-SP).

Para saber mais:

Refúgios Psíquicos : John Steiner. Imago, 1997.

O analista não Intrusivo: Michael Balint. Escola Britânica de Psicanálise. Artmed, 1994.



AUTOMATISMOS MODERNOS, O ESTRANHO E OS ZUMBIS

Daniel Ribeiro Branco*

Cambaleantes, famintos por carne humana e sem qualquer resquício de humanidade ou memória de suas antigas vidas. São estas as características deste personagem imaginário que recentemente passou a protagonizar os enredos a terem sucesso de público na literatura, cinema, jogos eletrônicos e televisão. Para aqueles que têm acompanhado as produções atuais destas mídias, fica fácil perceber a estranha presença dos zumbis.

A influência parece ser tanta que, mesmo na literatura medieval, onde seria difícil imaginar um zumbi, deu-se um jeito de inseri-lo, afim, é claro, de satisfazer a maior fatia possível do mercado de tendências. Como nos romances épicos de George R. R. Martin – *A Game of Thrones* – nos quais os mortos retornam para caçar os vivos durante a noite. Ainda que esta inserção pareça forçada, o autor cede à exigência de que, se a meta é o

sucesso de vendas, os mortos-vivos têm que estar presentes na trama.

Seriam estas criaturas resultado deste começo de século? Aqui, faz-se necessário um breve levantamento histórico.

A presença dos zumbis ganhou força em filmes de horror dos anos 80. Porém, já em 1839, há um interessante conto de Edgar Allan Poe (The Fall of the House of Usher), considerado o pai dos gêneros do suspense e horror, que retrata uma situação muito similar, levantando a possibilidade de que os zumbis já “existem” há algum tempo. Esta criatura que ressurgiu do mundo dos mortos para alimentar-se de carne humana está presente na mitologia de variados locais como Europa, Ásia e África. Sua raiz histórica pode remontar a narrativas de mais de quatro mil anos – a deusa Ishtar, presente na epopeia de Gilgamesh, ameaça abrir os portões do submundo para que os mortos venham alimentar-se da carne dos vivos – e encontra outros similares como os *Draugr* na cultura proto-germânica, os Chiang-shih na cultura chinesa e, finalmente, em algumas culturas africanas que chamam de *Zumbis Hoodoo* estas criaturas que com um feitiço retornam da morte. Sempre que uma produção humana ganha uma forte adesão e perdura por gerações, como têm se mostrado os zumbis e suas variantes, é possível interrogar o que desperta tamanho fascínio. A exemplo do psicanalista Bruno

Battelheim com as histórias infantis e de Freud com obras da literatura, um possível caminho é interrogar o quê, na vida psíquica dos indivíduos, estas produções podem estar integrando. Sob esta perspectiva, algumas questões podem ser levantadas. Uma forma de pensar este fenômeno utilizando o método psicanalítico é interpretar aquilo que se expõe além da impressão inicial. Ou seja, dar um “passo” acima do discurso diretamente exposto. Embora vários fatores possam emergir deste tipo de análise, para este ensaio serão levantadas duas questões que parecem destacar-se. A primeira diz respeito a algo que se move de forma automática, impulsionado pela fome, sem pensar: um autômato. Acrescenta-se a isto a representação de um corpo humano, de carne e ossos, mas que já não é vivo internamente, não tem memória, não tem julgamento nem cultura e, portanto, não pode mais ser considerado humano. Freud, em 1919, escreve O Estranho, trabalho no qual faz uma analogia entre a literatura e personagens e situações capazes de fascinar por sua estranheza, por causar inquietação. Como isto fascina tanto no sentido do estranho, aquilo que nos é *Unheimlich* (estranho, o título do texto), mas também atrai por manifestar algo que obscuramente move-se_

(Cont.)

Daniel R. Branco
CRP 08/16136
Psicologia Clínica e Psicanálise
(44) 9166-8004 / 3025-5725

ESPAÇO
MARINGÁ PARK LIVRARIA

Penso Assim

Por Nayara Caroline Milharesi*

PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS

Na área de psicoterapia com crianças, vemos que uma das dificuldades dos pais e educadores em relação às crianças tem sido distinguir se os conflitos das mesmas são inerentes ao desenvolvimento humano ou se dizem respeito a algum conteúdo psicopatológico. Além disso, nos deparamos com as dificuldades dos pais que acarretam em conflitos para os filhos.

Muitos pais não têm conseguido lidar com o modo atual de ser criança. A noção de regras, limites, do que é dever, direito ou necessidade básica de uma criança é diferente de gerações anteriores.

‘A criança, para ter um desenvolvimento saudável, precisa correr, pular, brincar, precisa gastar energia, exercitar seus aspectos criativos’

Os moldes em que os pais de hoje foram criados não são correspondentes aos moldes atuais, e não podem ser tidos como modelo rígido para educar na contemporaneidade. Um exemplo disso é o uso do computador e celular. A geração passada não contou com esses recursos na infância e na

adolescência. Entretanto, os pais não podem proibir seus filhos de tê-los, porque ficariam deslocados do contexto atual, bem como das amizades e do processo de identidade social.

O perfil das crianças do século XXI é diferente do que se via no século passado. As crianças da era virtual são mais agitadas e isso é consequência das várias informações que elas recebem. A organização familiar é outro elemento que contribui para essa agitação infantil. Os pais trabalham fora, estão sempre com pressa e, via de regra, não têm tempo de brincar com os filhos. O espaço físico destinado aos infantes é cada vez menor, eles não dispõem de quintais, não podem mais brincar nas ruas, vivem presos



em apartamentos, sentados em frente ao video-game.

A criança, para ter um desenvolvimento saudável, precisa correr, pular, brincar, precisa gastar energia, exercitar

seus aspectos criativos. E, se não encontra tempo e espaço para tal, torna-se aparentemente indisciplinada, mas, na verdade, está tentando extravasar a sua energia. Ao não conseguir, fica mal-humorada, irritada, “desobediente”, fazendo surgir conflitos com os pais, que, muitas vezes, sentem que não conseguem educar os filhos ou impor limites e serem respeitados.

Nesses casos, apenas a psicoterapia da criança isoladamente não alcança êxito, visto que há uma série de elementos externos que precisam de alterações. Muitas vezes, antes de iniciar o atendimento com a criança, é preciso realizar um trabalho com os pais, com foco no

infantil é pertinente quando, na avaliação psicodiagnóstica, a criança apresenta conflitos psíquicos que já estão em um grau de complexidade que apenas mudanças externas não conseguiriam dissipar.

Nesse caso, a psicoterapia faz-se necessária, pois, com seus instrumentos específicos, poderá trabalhar com esses aspectos já internalizados.

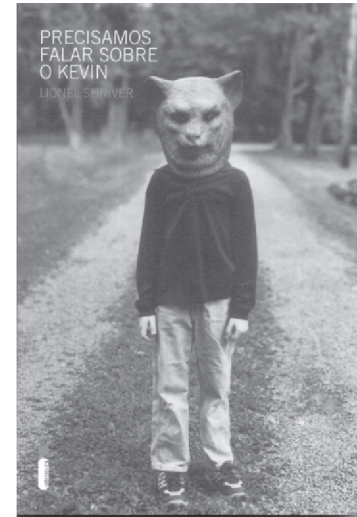
Muitas vezes a criança já está fazendo uso de determinados mecanismos defensivos que, se não forem trabalhados, irão acarretar no empobrecimento do mundo psíquico. Assim, é necessário que o psicólogo que trabalha com crianças considere, na fase de psicodiagnóstico, o meio social da criança, o contexto educacional, a dinâmica familiar, bem como os aspectos intra-psíquicos (recursos do ego; mecanismos defensivos; características superegóicas). Ao estar atendendo a esses vários aspectos, o psicólogo poderá contribuir para um efetivo desenvolvimento da criança, evitando a cristalização de psicopatologias.

* Nayara Caroline Milharesi é psicóloga (CRP 08/17597)

Literatura

Por Fernanda Almagro*

DICAS DE LEITURA



Precisamos falar sobre o Kevin. (Editora: Intrínseca; 463 páginas; R\$: 49,90); de Lionel Shriver.

Ao provocar no leitor sentimentos que permeiam culpa e empatia, retribuição e perdão, *Precisamos falar sobre o Kevin* discute casamento, carreira, maternidade e família; sinceridade e alienação. Shriver, ao falar de Kevin Khatchadourian, um garoto de 16 anos, que comete uma chacina na qual mata sete colegas, uma professora e um

servente num colégio dos subúrbios de Nova York, denuncia o que há com culturas e sociedades contemporâneas e narcísicas que produzem assassinos mirins em série ou *pitboys*. Com isso, a autora nos carrega em um *thriller* psicanalítico no qual não se indaga quem matou. Revela-se quem e o que morreu, enquanto uma mãe moderna tenta encontrar respostas para o tradicional *onde foi que eu errei?* Refugiada em suas memórias, Eva Khatchadourian, pontua detalhes sórdidos da trajetória

familiar com uma escrita magnética, capaz de envolver por completo o leitor nesta trama. Por meio de um balanço honesto entre as perdas e ganhos em ter uma criança, elenca seus próprios desvios de comportamento e os arquétipos paternos das famílias privilegiadas dos EUA. Sendo assim, ao discutir a culpa na criação de um monstro, a narradora desnuda, assombrada, uma outra interdição secular: *poderia uma mãe odiar seu filho?*

Cinema

Por Germano Dias Brites*

CINEMA E PSICOLOGIA



ESTAMIRA (2011). Direção: Marcos Prado **Duração:** 115 min.

Um documentário diferente e que promove uma grande reflexão, *Estamira* foi filmado por cerca de cinco anos em um aterro sanitário, situado em Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. *Estamira* Gomes de Sousa é uma mulher de 63 anos, que apresenta uma psicose considerável. O local recebe mais de oito mil toneladas de lixo da cidade do Rio de Janeiro, diariamente, e é também sua moradia. Com seu discurso



filosófico e poético, em meio a frases, muitas vezes, sem entido,

Estamira analisa questões de interesse global. Fala também com uma lucidez impressionante, e permite que o espectador possa repensar a loucura de cada um, inclusive a dela, moradora e sobrevivente de um lixão, com momentos em que nos perguntamos até onde é psicose, e até onde não é. Nota:9,0.

* Germano Dias Brites é estudante de Psicologia (CESUMAR).

jornalpsicologiaemfoco.blogspot.com



Nayara C. Milharesi

PSICÓLOGA | CRP: 08/17597
nayaramilharesi@hotmail.com
44 9883-0983

Av. São Paulo, 1061
Aspen Trade Center,
Sala 1321 - 13 Andar
Maringá - Paraná



ESCOLA DE
PSICOTERAPIA
PSICANALÍTICA
DE MARINGÁ

Ψ **Ariana Paula Krause Pires**
Psicóloga - CRP 08/17743

Aspen Park Trade Center - Sala 1503
Av. São Paulo, 172 - Maringá - PR
www.arianakrause.com.br
contato@arianakrause.com.br
(44) 3026-6278 / 9835-6109



Aconteceu

Por Roseane Praciz*

AULA INAUGURAL DA ESCOLA DE PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DE MARINGÁ

www.escoladepsicoterapia.com.br



No dia 4 de maio foi realizada, no Auditório do Sivamar em Maringá, a aula inaugural do curso de Clínica Psicanalítica Contemporânea, idealizada por Juana Ester Kogan, Rosana Ravelli Parré e Rute Grossi Milani. Parré nos fala que a Escola psicanalítica tem esse nome fantasia, porém, será desprendida do modelo acadêmico. O curso será direcionado para psicólogos, e tem como objetivo contribuir para a formação, capacitação e treinamento para o trabalho clínico. Com parcerias com instituições de Buenos Aires, o curso terá aulas de vídeo conferências, além de aulas presenciais, e ainda oferecerá um centro de atendimento para a comunidade, que terá o atendimento dos alunos em formação.

Juana Kogan, por sua vez, considera que vivemos um tempo de convergências e divergências na psicanálise, momento rico e pulsante, com novas propostas epistemológicas, filosóficas e com diversas produções psicanalíticas, mas com pouco espaço acadêmico para estudá-las organicamente. Diante desse

panorama, um novo pensamento criativo e que integre o novo e as modificações da prática se faz necessário, e, com essa perspectiva, surge a escola psicanalítica, com o intuito de atender a demanda de

profissionais que têm a necessidade de estar constantemente se atualizando e integrando novos saberes.

A noite ainda contou com a presença ilustre da psicanalista Dra. Beatriz Picolli, que, oportunamente no nascimento da escola psicanalítica, discursou sobre o tema "Relação mãe-bebê, e sobre as implicações transgeracionais da família no indivíduo". Picolli acredita que, se queremos mudanças na vida humana, precisamos pensar na relação mãe-bebê e na família, trabalhar na prevenção e ter esperança, uma vez que a base de todas as emoções e sentimentos do bebê é formada no primeiro ano de vida. A palestrante abordou conceitos importantes, como o da mãe suficientemente boa, de Winnicott, a função alfa de Bion, e a necessidade de apoio que a mãe precisa ter para poder fornecer um "rêverie" satisfatório para o seu bebê.

Sobre a transgeracionalidade, Picolli diz: que, em uma família, qualquer membro pode realizar uma identificação primitiva sobre o outro; há, portanto, uma comunicação dessas partes

primitivas, sendo que normalmente o escolhido na família é o que possui maior fragilidade egóica.

A doutora finaliza sua palestra, preconizando a necessidade da melhora na relação entre mãe e bebê e na

relação do bebê com o pai, e diz que alguma coisa precisa ser feita para que as mães e os pais fiquem mais próximos de seus bebês.

O JPF deseja à Escola Psicanalítica muito sucesso.



A convidada Beatriz Picolli na aula inaugural da EPPM



Juana Ester Kogan, Rosana Ravelli Parré e Rute Grossi Milani, coordenadoras da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá

Agenda Cultural

Redação



O NECPAR (Núcleo de Educação Continuada do Paraná) está a mais de 5 anos no mercado com cursos de Pós-graduação (lato sensu) na área da saúde. Na área de PSICOLOGIA temos os seguintes cursos:

•GESTALT-TERAPIA
•PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA
•PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Em 2012 iniciamos a 3ª turma da pós-graduação na área comportamental em Maringá-PR e lançamos a 1ª turma na área comportamental em Curitiba-PR, abrimos também a 1ª turma na área de gestalt-terapia e a 3ª turma na área de psicanálise. E, em 2013 abriremos a 4ª turma de PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA

Este curso é muito procurado pelos acadêmicos por sua grade curricular que além de trazer docentes da mais alta qualidade, traz também conteúdos dinâmicos relacionados à área que poderão instruir os seus participantes de modo eficaz em suas funções atuais e posteriores. O NECPAR prepara seu presente para que você aproveite com sucesso o seu futuro!

As inscrições para a 4ª turma de Psicanálise estarão abertas a partir de agosto deste ano no site do NECPAR: www.necpar.com.br Mais informações pelo telefone (44) 3031 7182 ou pelo e-mail marketing@necpar.com.br.

Nosso escritório fica localizado na Avenida São Paulo, Edifício Aspen Trade Center, nº: 1061, 5º andar, Sala 509, Centro, Maringá-PR.



Oficina do Saber

"O homem por natureza deseja saber" Aristóteles

PROGRAMAÇÃO 2012

28 JUNHO (QUINTA, 20H)
"A INTERSECÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA HOSPITALAR E JURÍDICA: DUAS VISÕES SOBRE O ABUSO"
CONVIDADAS: JANE BISCAIA HARTMANN E CÉLIA REGINA CORTELETE

26 JULHO (QUINTA, 19H)
"UM OLHAR SOBRE A MORTE" (EXIBIÇÃO DO FILME: "A PARTIDA")
CONVIDADA: LUISA GUMIERO DIAS

30 AGOSTO (QUINTA, 20H)
"A PESQUISA NOSSA DE CADA DIA" CONVIDADO: EDUARDO AUGUSTO TOMANIK

27 SETEMBRO (QUINTA, 20H)
"ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS À CRIMINOLOGIA"
CONVIDADA: VALÉRIA CODATO SILVA

25 OUTUBRO (QUINTA, 19h)
DEBATE FILME "PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN"
CONVIDADOS: CAROLINA LAURENTI, CLETO ROCHA POMBO

22 NOVEMBRO (QUINTA, 19h)
"FELICIDADE: CONSTRUÍ A SUA"
CONVIDADA: HELEN MESSIAS GÚZMAN

Local: Auditório Aspen Trade Center (5º andar)
Investimento: 25,00 (profissionais) – 15,00 (estudantes)

DEPÓSITO
Banco: Itaú Agência: 6946 Conta: 09585-5/500
Informações e Inscrições: jornalpsicologiaemfoco@hotmail.com;
jornalpsicologiaemfoco.blogspot.com

9985-9839 Vinicius
9942-8402 Amanda – UEM
9967-7790 Rafaela – Cesumar

Obs: O certificado de 3 horas será entregue aos participantes na data do evento.

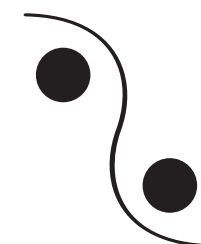
Vagas limitadas!



**Jornal
Psicologia
Em Foco**

Nova Marca do Jornal Psicologia em Foco e Oficina do Saber. Para saber mais visite nossa página no Facebook, curta e comente participe conosco. A sua opinião é importante.

 **Jornal
Psicologia em Foco**



INTEGRAÇÃO

Psicologia & Desenvolvimento

Aspen Trade Center - Av. São Paulo, 1061 - sala 1321 - Maringá - PR

Diogo Valim

CRP 08/16631
44 9809-8187 - diogovalim@gmail.com

Marcelo M. Khoury

CRP 08/16593
44 9124-2813 - marcelomk@pop.com.br

Vinicius Romagnolli

CRP 08/16521
44 9985-9839 - viniciusromagnolli@hotmail.com